

MANUAL  
DO  
PROFESSOR

# Suciola

em GRAPHIC NOVEL

de JOSÉ DE ALENCAR

*ilustrações de* RICARDO ROCHA

*roteiro de* MARIA HELENA ROUANET

*material de apoio elaborado por* JANUÁRIA CRISTINA ALVES



petra

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela PETRA EDITORIAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Petra Editorial Ltda.

Estrada Rosário, Nº 135, Lote 31 — Quadra 5

Jardim Primavera — Duque de Caxias — RJ

CEP: 25215-365

DIREÇÃO EDITORIAL: *Daniele Cajueiro*

EDITORAS RESPONSÁVEIS: *Ana Carla Sousa e Mariana Elia*

PRODUÇÃO EDITORIAL: *Adriana Torres, André Marinho, Carolina Rodrigues, Janaína Senna, Larissa Carvalho, Luisa Suassuna e Thais Entriel*

REVISÃO: *Thais Entriel*

DIAGRAMAÇÃO: *Filigrana*

Material de apoio digital do Manual do Professor

CARO EDUCADOR,

É com prazer que a Petra apresenta aqui este Manual do Professor Digital para a obra *Lucíola em graphic novel*. Trata-se de uma proposta que visa contribuir para a formação de leitores autônomos, críticos e apaixonados pela leitura, contando com a sua mediação e a da escola.

Acreditamos que ler é uma prática que se aprende e se ensina, dado que não é um ato natural como a fala, por exemplo. Um leitor não nasce pronto, precisa ser formado. A aprendizagem da leitura envolve a aquisição de uma série de competências e habilidades que devem ser trabalhadas na escola por meio de estratégias e projetos que possibilitem a compreensão da leitura pelas crianças e pelos jovens como uma prática social, uma ferramenta que lhes possibilitará não só a comunicação com aqueles com quem se relacionam, mas a compreensão de si próprios e do mundo em que vivem.

Este Manual é um convite à **EDUCAÇÃO LITERÁRIA**, aquela que, como define o educador espanhol Carlos Lomas, “se orienta não só para

o conhecimento das obras e dos autores e autoras mais significativos do cânone literário, mas, também e sobretudo, para a aquisição de hábitos de leitura e de capacidades de análise dos textos, para o fomento da experiência literária em torno de diferentes tipos de texto e, inclusivamente, para o estímulo da escrita criativa de intenção literária” (LOMAS, *O valor das palavras II*, 2006).

Entendemos que a educação literária é algo que começa na mais tenra idade, em casa e em família, e se estende por toda a vida do indivíduo, inclusive a vida escolar, pois acreditamos que aprender a ler é muito mais que aprender a decifrar palavras. Nessa perspectiva, este Manual será sempre uma dentre as inúmeras possibilidades de trabalho para a construção de um leitor autônomo.

Sendo assim, convidamos você, caro educador, a tomar o livro *Lucíola em graphic novel* como um ponto de partida para sua programação do ensino da leitura em sua escola. Disponibilizamos sugestões de atividades para poder oferecer aos seus alunos razões e opções para ler, multiplicando e diversificando situações de leitura que, sabemos,

são infinitas. Quanto mais ricas e variadas elas forem, mais chances as crianças e os jovens terão de aprender por meio dos textos que leem.

Apostamos no papel fundamental do professor e da escola como mediadores de leitura e entendemos que também é nossa função, como editores, fortalecer e estimular as relações estabelecidas entre o livro e o leitor, porque acreditamos na condição formativa da literatura, não só no contexto didático-pedagógico, mas como possibilidade de desenvolvimento da imaginação e da criatividade do ser humano.

Esperamos que este Manual se constitua numa ferramenta de acesso à língua escrita e compreensão leitora, elementos essenciais tanto para a apropriação de todas as matérias do currículo escolar como para a construção de cidadãos atuantes na sociedade em que vivemos.

Petra



## A OBRA E SEUS AUTORES

Maria Helena Rouanet, autora do roteiro de *Lucíola em graphic novel*, foi professora de literatura brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, atualmente, dedica-se à tradução de obras de ficção escritas originalmente em inglês, francês e espanhol. Além de *Lucíola em graphic novel*, fez também o roteiro para a adaptação em quadrinhos de *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa.

Ricardo Rocha, ilustrador da narrativa visual do livro, nasceu em Recife, em 1963. É artista desde muito jovem: conseguiu seu primeiro emprego como desenhista aos 13 anos. Nas décadas seguintes, trabalhou como ilustrador em diversas editoras e passou por grandes agências publicitárias do Rio de Janeiro e de São Paulo.

José de Alencar, o autor da história, é um dos mais importantes escritores do Brasil. Nascido em 1829, no Ceará, mudou-se para o Rio de Janeiro e, mais tarde, para São Paulo — quando ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Transferiu-se para a Faculdade de Direito de Olinda,

em Pernambuco, e, em 1850, de volta a São Paulo, formou-se. Iniciou sua colaboração no *Correio Mercantil* em 1854 e estreou na literatura em 1856. Em 1861 foi eleito deputado e, em 1868, tornou-se ministro da Justiça. Nessa época, tornaram-se agudas as divergências com dom Pedro II, que lhe vetaria a escolha para senador do Império, embora tenha sido o mais votado na lista tríplice. O escritor que retratou o Brasil de forma genial em seus romances, registrou os tempos coloniais; o contato entre os índios e os colonizadores; e o dia a dia do Rio colonial. Faleceu em 1877, no Rio de Janeiro.

*Lucíola* é um perfeito exemplar do romance brasileiro do período dito romântico. Trazido para o universo dos quadrinhos por Maria Helena Rouanet, que assina também a apresentação desta edição, e pelo ilustrador Ricardo Rocha, esse clássico conjuga na mesma história um amor verdadeiro, porém turbulento, e uma crítica aos costumes e à sociedade do Rio de Janeiro do século XIX. O texto recebeu de seu autor o subtítulo “Perfil de mulher” e trata-se de um dos chamados “romances urbanos” de Alencar, pois a trama se passa no Rio de Janeiro

de meados do século XIX, então sede do governo. Ao longo do livro, o leitor se vê às voltas com as noites passadas no Teatro Lírico, as lojas elegantes da rua do Ouvidor, os trajes, as moradias, os festejos e as diversões da sociedade da época.

A obra é narrada pelo personagem Paulo Silva, que, em cartas dirigidas a uma senhora, traça o perfil de sua amada, Lúcia, a mais desejada cortesã da capital do Império, dona de uma personalidade marcante. Durante a narrativa, desenrola-se uma trama de amor, ciúmes, provocações e mal-entendidos. O enredo é envolto de tragédias e desatinos da vida de Lúcia, que segue sua trajetória em busca de redenção, ainda que seu caminho até lá seja bastante tortuoso, uma vez que o amor verdadeiro dos personagens não pode superar a barreira das normas da boa conduta da sociedade. Além de ser um retrato da capital do país no século XIX, a obra traz uma crítica sobre a sociedade dessa época, bem como seus valores e julgamentos. Não apenas pensar na estrutura social desse período, considerando ainda o desfecho da obra e o destino de sua protagonista, como refletir sobre a relação com a

sociedade atual é um exercício importante e incontornável depois da leitura deste livro. Escolhas, julgamentos, relação entre o público e o privado são alguns dos temas que perpassam o enredo de *Lucíola* — e *Lucíola em graphic novel*, claro.

## POR QUE LER ESTE LIVRO NO ENSINO FUNDAMENTAL — ANOS FINAIS

Hoje, as histórias em quadrinhos são publicadas em diferentes meios e possuem diversos formatos. A obra *Lucíola*, de José de Alencar, foi adaptada por Maria Helena Rouanet e Ricardo Rocha para uma *graphic novel*, uma história em quadrinhos mais longa e sofisticada, com elaboração mais refinada desde a capa até a qualidade da impressão. Exatamente por suas cores vistosas e por seu *design* diferenciado, bem como o fato de conter ilustrações e texto reduzido, é que a literatura em quadrinhos — ou seja, literatura que foi adaptada para a arte em quadrinhos — chama a atenção dos jovens.

Apesar de muitos ainda considerarem as histórias em quadrinhos inibidoras da leitura, segundo Gusman (2006), uma pesquisa realizada em 2001

pela Universidade de Brasília revelou que os alunos que leem quadrinhos possuem um desempenho escolar melhor do que os alunos que utilizam apenas o livro didático. Além disso, de acordo com a BNCC (2018, p. 157), os alunos devem estar aptos a

analisar em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, [...] e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas [...] empregados, identificando o enredo e o foco narrativo [...] e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de

recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Will Eisner (1989) define a narrativa em quadrinhos como uma arte sequencial que funciona como veículo de expressão criativa, “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”. Ao ser examinada como um todo, a disposição dos elementos de uma obra em quadrinhos assume a característica de uma linguagem, a qual mistura imagem e palavra para comunicar ideias ou histórias.

Ainda segundo o autor, “a leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”, uma vez que se caracteriza pela sobreposição de imagem e palavra e pede o exercício da habilidade interpretativa visual e verbal do leitor.

Tem sido cada vez mais comum nos dias de hoje que jovens do Ensino Fundamental demonstrem certa falta de interesse na leitura de livros clássicos, por acreditarem que o tema seja monótono e a

linguagem, complexa e desatualizada. Entretanto, os conhecimentos sobre a língua e a norma-padrão devem ser tomados como “propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas” (BRASIL, 2018, p. 13). Ao serem inseridos em um gênero literário próximo ao leitor, esses conhecimentos tornam a leitura de um texto em linguagem formal mais interessante de ser fruída. Dessa forma, a adaptação em quadri-nhos de uma obra clássica deve conduzir o aluno a interessar-se e envolver-se pelo livro, rompendo com suas expectativas, criadas a partir de experiências de leitura anteriores.

O livro em questão é a adaptação para os quadri-nhos do romance em prosa *Lucíola*. Ao combinar a linguagem não verbal com a linguagem verbal adaptada, a leitura desse clássico do Romantismo pelos alunos do 8º e 9º anos fica ao mesmo tempo divertida, atraente e palatável, sem com isso alterar o teor e a força da escrita de José de Alencar.

Em relação ao gênero romance, seu estudo é importante para desassociar a ideia de que romance está vinculado a amor, a duas pessoas que se amam

e querem ficar juntas para serem felizes. Segundo Mário Luiz Frungillo, professor do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, conforme citado por Alves (2015) um romance

[...] pode ser uma história sobre qualquer assunto, amor, aventura, guerra, crime, fatos históricos contados à maneira de ficção, episódios colados à realidade ou inventados, de caráter realista ou fantástico, com qualquer tipo de personagem, de qualquer classe social.

Apesar disso, o romance *Lucíola* narra, sim, uma trama de amor, ciúmes e provocações, com tragédias e desatinos da vida de Lúcia, a mais desejada cortesã do Rio de Janeiro do século XIX. A personagem segue sua trajetória em busca de redenção, uma vez que o amor verdadeiro entre ela e o narrador da história, Paulo Silva, não consegue superar os preconceitos da sociedade local, mostrando a complexidade das relações humanas e da tomada de decisões naquela época.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

As propostas para trabalhar este livro envolvem mais do que o ato de sua leitura, incluem também a compreensão do gênero, assim como questões sobre a sociedade da época e os relacionamentos conturbados.

Nesse sentido, para a realização da leitura do livro *Lucíola em graphic novel*, deve-se apresentar a história em quadrinhos como gênero, dando exemplos de textos semelhantes, de forma a sistematizar as características inerentes a ele. Deve-se ainda trabalhar a habilidade dos alunos de produção textual do gênero história em quadrinhos, a fim de capacitar o aluno para a escrita em diferentes suportes e sistemas de linguagem.

## ***1. Atividade Prévia***

*Interdisciplinaridade* — Língua Portuguesa e História

Antes de apresentar aos alunos o livro a ser lido, é importante levantar o conhecimento prévio deles sobre o gênero história em quadrinhos.

Para tanto, inicialmente, apresente aos alunos uma revista em quadrinhos da “Turma da Mônica”, de Mauricio de Sousa, e pergunte se alguém conhece e/ou já leu uma. É possível que grande parte da turma diga que já leu. Assim, pergunte o que faz com que esse tipo de leitura seja diferente da leitura de um livro. À medida que os alunos forem dizendo as características das histórias em quadrinhos, vá registrando na lousa. É importante que eles deem respostas sobre a utilização de imagem e sequência narrativa ilustrada; de balões e onomatopeias; e de quadros. Dessa forma, eles farão menção às linguagens verbal e não verbal, ambas bases do gênero.

Em seguida, instrua os alunos a darem exemplos de histórias em quadrinhos que conhecem e os oriente a levarem para a sala de aula alguma revista

em quadrinhos, tira em quadrinhos ou *graphic novel* (o romance em quadrinhos) de que gostem — é importante deixar os alunos livres para buscarem exemplos na internet, pois, além de ser possível que muitos não tenham a revista/jornal/livro físico, muitos quadrinistas utilizam-se de websites e redes sociais para publicarem seus trabalhos.

A partir disso, analise, em conjunto com eles, os títulos e autores trazidos. Veja se há uma variedade grande ou se, em sua maioria, o autor é o mesmo. Leve para a sala de aula outros exemplos de autores e histórias em quadrinhos que não são tão conhecidos ou, mesmo que conhecidos, não estão ao alcance dos alunos. Leve exemplos de quadrinistas, como: Ziraldo, Laerte, Angeli, Walt Disney, Henfil, Osamu Tezuka, Fernando Gonsales, Craig Tompson, Will Eisner, Orlandeli, Gilmar, Carlos Ruas; e de quadrinhos, como: Mafalda, Luluzinha, Marvel, DC, Calvin e Haroldo, Asterix, Recruta Zero, Watchmen, One Piece, Naruto, Vagabond, Tintim, Hellboy.

Dessa forma, trabalha-se com os alunos a participação em

práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas [...], tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para [...] práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 155).

Depois, apresente aos alunos o livro a ser lido, mostrando não só os elementos estruturais do gênero, como também os que fazem parte da narrativa e determinam espaço e tempo. Instrua-os a analisar, sem realizar a leitura da capa, quarta capa ou textos de apresentação, tendo como interrogativas a época, a sociedade e o lugar em que a história se passa. A partir das vestimentas, das construções, dos meios de transporte, dos objetos em cena, dos utensílios e da presença de escravos, os alunos devem concluir que se trata de uma sociedade do século XIX, no Brasil.

É plausível orientá-los a, com esses elementos, inferir o tema da obra, conduzindo-os a respostas por meio de sugestões norteadoras, como: seria

uma história de detetive? Uma biografia sobre alguém da realeza? Uma comédia sobre a sociedade da época? Um romance impossível?

Na aula do componente curricular de História, é necessário realizar um trabalho de contextualização histórica do livro. Para tanto, com base nos elementos levantados que determinam o espaço e o tempo da narrativa, instrua-os a relacionarem-nos com a unidade temática sobre o Brasil no século XIX—trabalhando o Período Regencial, o Brasil do Segundo Reinado, o escravismo no Brasil, as políticas de extermínio dos indígenas, o imaginário nacional brasileiro (cultura popular, representações visuais e o Romantismo), o papel das artes na produção de identidades no Brasil, o processo da independência do Brasil, que são parte do currículo de História dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

De forma a “estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção” (BRASIL, 2018, p. 155) e a “compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação

e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços” (BRASIL, 2018, p. 400), instrua os alunos a identificarem as imagens que representam os costumes da sociedade do Rio de Janeiro nesse período, como os trajes e os festejos — os quais devem expressar a visão de um povo com relação ao seu contexto histórico —, e as imagens que constroem a cidade que um dia foi a capital do país. Estamos nos referindo portanto aos seus marcos históricos, como o Teatro Lírico e as lojas da rua do Ouvidor, por exemplo.

## ***2. Atividade pós-leitura***

### *Orientações para Língua Portuguesa*

Quando a história se inicia, percebemos, através da linguagem não verbal — um homem sentado à mesa escrevendo em um papel — e da linguagem verbal — no canto superior esquerdo um trecho de uma mensagem — que o personagem está fazendo a narração por meio de uma carta pessoal destinada a uma senhora. Apesar de não sabermos a quem se dirige, evidencia-se o motivo da carta nos dois primeiros quadros, quando a personagem escreve:

A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, a minha excessiva indulgência pelas criaturas infelizes que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagância. Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigia: e cumpro meu propósito mais cedo do que pensava.

No decorrer da narrativa, compreendemos que o homem escreve sobre sua amada e o romance que viveram, a partir da sua visão dos acontecidos. No romance, Paulo Silva, um rapaz de família simples do Recife, vai para a Corte e conhece a cortesã Lúcia, por quem se apaixona. Paulo narra à senhora seu romance turbulento com a cortesã até a morte de Lúcia.

Por meio de críticas aos costumes e à sociedade do Rio de Janeiro do século XIX e utilizando-se de uma linguagem formal, o romance é uma história de amor: duas pessoas se apaixonam, encontram barreiras e complicações para ficarem juntas, separam-se, conseguem destruir as barreiras que as separam e finalmente conseguem ficar juntas — embora, nesse caso, haja a morte da amada. Possui as características básicas do romance: personagens, tempo e lugar; e um enredo com apresentação, complicação, clímax e desfecho. Tudo isso dentro de uma carta.

Para tanto, inicie a aula retomando a pergunta realizada na aula prévia sobre o tema da obra. Depois da leitura, qual assunto é abordado no livro lido?

Deixe-os livres para argumentarem e debaterem, sempre conduzindo as respostas para “uma história de amor”. Pergunte a eles se o fato de Lúcia morrer torna o amor deles impossível ou se, apesar de sua morte, puderam ficar juntos e serem felizes.

Depois, pergunte aos alunos para quem eles acham que o narrador está contando a história. Seria ao leitor ou há algum destinatário implícito? Instrua-os a observarem novamente as imagens, a narrativa visual, o início da narração e os quadros de texto ao decorrer da obra. Ao concluírem que o personagem escreve uma carta a uma determinada senhora falando sobre a ostentação do luxo e extravagância da sociedade e sobre sua história de amor, proponha a eles que escrevam, também, uma carta.

O destinatário da carta deles pode estar oculto ou não, mas instrua-os a terem em mente alguém a quem se escreve e, também, o motivo de sua escrita. Assim como em *Lucíola*, o tema da carta deve ser um romance — sempre lembrando os alunos que o tema romance não é o mesmo que o gênero romance — possível ou impossível. Os alunos devem

produzir a carta — com data, local e assinatura — contando a história dessas duas personagens a partir da visão de um narrador-personagem e fazer uso da linguagem formal. As personagens, o tempo e o lugar ficam a critério dos próprios alunos.

Com isso, os alunos desenvolvem a habilidade de produzir narrativas utilizando “os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos” (BRASIL, 2018, p. 185) e de utilizar conhecimentos linguísticos e gramaticais bem como de “fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (BRASIL, op. cit., p. 159).

### ***3. Interdisciplinaridade***

#### *I. Língua Inglesa*

Para trabalhar o gênero história em quadrinhos, realize uma atividade em conjunto com o professor de Língua Inglesa em que os alunos produzam sua própria história em quadrinhos em inglês. Já tendo trabalhado as características do gênero na aula anterior, instrua os alunos a se juntarem em grupos e escolherem uma das cartas escritas por eles para ser adaptada para história em quadrinhos.

Em conjunto, devem escolher seu público-alvo (a fim de determinar se será uma história para crianças, adolescentes ou adultos), realizar o planejamento de um roteiro simples e organizar quem ficará responsável por cada processo da produção.

É importante que os estudantes utilizem tanto a linguagem verbal quanto a não verbal em sua produção, permitindo o “aprofundamento de práticas de linguagem artísticas, corporais e linguísticas que se constituem e constituem a vida social” (BRASIL, 2018, p. 62). Depois de produzirem a história em

quadrinhos em inglês, devem revisar não só a escrita, mas também a sequência narrativa, verificando sua coesão e coerência.

A prática de produzir textos em inglês, segundo a BNCC (2018), enfatiza a natureza processual e colaborativa do ato de escrever, o qual envolve o planejamento, a produção e a revisão do texto, levando em consideração o que se deseja comunicar e como. É necessário que os alunos tenham em mente, ao criar textos em inglês, qual o objetivo desse texto, o suporte de circulação e seus possíveis leitores. O documento também aponta a prática social do ato de escrever, que dá a oportunidade aos alunos de agirem com protagonismo e realizarem uma escrita autoral de textos mais elaborados, utilizando recursos linguístico-discursivos variados. Dessa forma, a atividade de produção textual contribui “para o desenvolvimento de uma escrita autêntica, criativa e autônoma” (BRASIL, 2018, p. 243).

## *II. Educação Física*

Nas aulas de Educação Física as práticas corporais são tematizadas em variadas formas de codificação e significação cultural, as quais são manifestações das possibilidades expressivas dos indivíduos e produzidas, no decorrer da história, por diversos grupos sociais. É imprescindível que as práticas corporais sejam abordadas como um “fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2018, p. 211).

Pensando no amplo universo cultural que o componente curricular oferece, proponha aos alunos a prática de uma dança que, hoje, faz parte do folclore brasileiro, mas que em séculos passados fazia parte dos bailes da aristocracia do Rio de Janeiro: a quadrilha.

Na obra lida, *Lucíola em graphic novel*, o primeiro quadro da página 31 mostra um diálogo entre as personagens, em que se lê:

- Desculpa-me; vou dançar.
- A quadrilha ainda se demora, bem sabes; mas queres me escapar!

Questione os alunos se a quadrilha a que se referem é a mesma quadrilha que conhecem: dança folclórica popular no Brasil de teor caipira e típica das festas juninas. Oriente-os a analisar o contexto em que está inserido o diálogo, analisando o ambiente, as vestimentas e as personagens. Conduza os alunos a compreenderem que a quadrilha que se dança hoje passou por diversas modificações, a mais significativa dela relacionada ao âmbito em que acontece: deixou de ser realizada em salões para ser dançada pelas camadas populares e ao ar livre.

Apesar de ter-se popularizado e difundido por todo o Brasil, a quadrilha é uma dança de salão surgida na Europa, no século XVIII. Dançada pela elite, virou febre no ambiente aristocrático da corte brasileira no século XIX, por volta de 1830. A dança foi adaptada à cultura francesa e desenvolvida nas danças de salão, tornando-se popular entre a nobreza. Disseminada pela Europa, chegou a Portugal e, influenciada pela Corte portuguesa, entrou na moda entre a nobreza do Rio de Janeiro.

Assim, proponha que, inicialmente, os alunos estudem essas transformações históricas e os grupos

de origem da quadrilha, para que, então, analisem as características (ritmos, gestos, coreografias e músicas) dessa dança de salão — objeto de conhecimento no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

Depois, a fim de levar os alunos a experimentar, fruïrem e recriarem as danças de salão, trabalhe a parte prática da quadrilha, a dança de salão coletiva, respeitando o modelo francês de

contradança a dois ou quatro pares (quadrilha dupla), de som alegre e movimentado, dividida em cinco partes com diferentes figuras, todas em allegro ou allegretto. E isso obedecendo ao seguinte esquema geral: primeira figura em dois por quatro — ou em seis por oito, tal como a terceira — e as três outras (segunda, quarta e quinta) geralmente em dois por quatro. As cinco figuras dessa quadrilha francesa denominavam-se, respectivamente: Pantalón (por tê-la dançado em 1830 o rei Luís Felipe, em Paris, vestindo pantalonas, e não calções curtos), Eté (antes chamado Avant Deux), La Poule (pela música imitar cacarejo de galinha),

Pastourelle (por inspirar-se a música do pistonista Collinet no romance *Gentil Pastora*) e Chassé Croisé ou Galop (por fazer terminar a dança com animado galope, em que todos os dançarinos mudam de lugar e passam uns na frente dos outros) (TINHORÃO, [20--?]).

Com essa atividade, os alunos passam a valorizar e respeitar as tradições culturais, a reconhecer a dança como elemento constitutivo da identidade cultural dos povos e a compreender o caráter lúdico das práticas corporais. Justifica-se, assim, a necessidade das práticas de dança nos anos finais do Ensino Fundamental, pois, de acordo com a BNCC, elas são como um modo de explorar as tais práticas corporais,

caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. [...] Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente

constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (BRASIL, 2018, p. 216).

## REFERÊNCIAS:

ALVES, Mariana Castro. *Romance, o mais flexível dos gêneros literários*: Formato percorreu séculos e ainda hoje continua vivo em produtos culturais de sucesso. Pré-univesp: Romantismo, São Paulo, v. 46, p.1-1, 15 abr. 2015. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/romance>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília, DF, 2018.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GUSMAN, Sidney. *Mauricio quadrinho a quadrinho*. São Paulo: Globo, 2006.

LUCCHETTI, Marco Aurélio; LUCCHETTI, Rubens Francisco. “História em quadrinhos: uma introdução”. *Revista Usp*, [s.l.], v. 1, n. 16, p.24-35, 28 fev. 1993. Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBiUSP. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25683>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

TINHORÃO, José Ramos. *Quadrilha*. [20--?]. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/generos/ver/quadrilha>>. Acesso em: 05 jun. 2018.